

O GLOBO

Feminino

Paris Das Mulheres

# Vinte Tapeçarias Ganham a Admiração da Crítica e do Público

(Por Cylene Bittencourt — Especial Para "O GLOBO Feminino")

**P**ARIS, abril (Via Panair) — Três jovens artistas francesas vivem há cinco anos uma aventura curiosa. Fugindo à agitação das grandes cidades, instalaram um "atelier" no lugarejo chamado **La Martinerie**, nas proximidades do castelo de Chinon, uma das mais belas paisagens da região do Loire. O resultado desses cinco anos de isolamento e trabalho em equipe é hoje mostrado ao parisiense, na **Galeria Paul Ambroise**: são cerca de 20 tapeçarias que têm valido às jovens solitárias a admiração da crítica e do público.

Na Escola de Belas Artes de Paris, as três moças seguiram o curso de afresco, mas preferiram aplicar seus conhecimentos de arte mural à tapeçaria. Uma vez escolhido o tema, os grandes traços da composição são desenhados diretamente sobre a tela e elas mesmas, em conjunto, executam o trabalho de bordar, sendo que a qualquer momento o desenho pode ser modificado, segundo a inspiração. Esse sistema de execução "direta", há longos anos abandonado, é um dos elementos que dão às obras ora expostas uma espontaneidade e uma frescura que não são encontradas nas tapeçarias modernas, onde é o operário que trabalha sobre o pano. Uma outra particu-



ridade: são elas mesmas que tingem as lãs que utilizam, podendo assim obter qualquer tom que desejarem.

As tapeçarias do "Atelier de La Martinerie" (as jovens guardam o anonimato) tratam de temas eternos: o Bem, o Mal, o Sol, o Zodíaco, o Homem, a Terra, a Bíblia. Para representá-los, as três artistas foram buscar inspiração da Idade Média, interpretando à sua maneira o espírito daquele período. O grande mérito das obras reside precisamente na perfeita harmonia entre o passado e o presente, na conciliação serena da tradição mais pura com a mais moderna concepção mural.

\*\*\*

**N**O MUSEU de Artes Decorativas, um grupo de artistas organizou uma exposição insólita, a que chamaram "L'Objet". Trata-se de esculturas, telas, objetos de uso doméstico, elementos decorativos diversos, identificáveis ou não. Na opinião do artista contemporâneo, o desenhista industrial é o grande culpado pela estandardização dos objetos que nos cercam e pelo atraso injustificável da forma do objeto industrial com relação à arte. Entre outras coisas, acham inconcebível que os joalheiros da Rue de La Paix continuem a fabricar broches com flôrezinhas estilo 1925. Cadeiras, paredes, gaiolas de passarinho, banheiras, abajures, jóias, tudo deve acompanhar a evolução inexorável da arte.

Para combater o "funcionalismo" puro, que acham inteiramente superado, os expositores lançaram uma ofensiva sob o signo do barroco. Fala-se em "neo-barroco". A "função" do objeto passa a um plano secundário, o que importa é a massa de ornamentos e arabescos.

Emaranhados de a r a m e,

falsas paredes de gesso esburacado, indumentárias para **praia espacial** (sic!) preparam a visão de uma cama gigantesca e fantasmagórica imaginada por Mathieu. Para César, a caixa de madeira que envolve o aparelho de televisão é muito vulgar. O famoso escultor propõe que seja arrancada, uma vez que a engrenagem é por si só de grande beleza plástica (!). Como sustentáculo, é preferível um pedestal de ferro velho imprensado... Para quem aprecia banho de espuma, Benrath executou uma espetacular banheira, feita de gesso, patinada de dourado, e que lembra um rochedo retorcido.

A mostra foi considerada de importância capital no domínio da arte decorativa. Resta saber por quanto tempo seria suportável a visão cotidiana de uma penteadeira em forma de árvore seca, onde o "paciente" teria que se contentar com três pedaços de espelho quebrado...